

CALVINO, Italo. *Tôdas as cosmicômicas*,
Companhia das Letras, 2007. 1ª ed.

[*Tutte le cosmicomiche*, 1997] Tradução: Ivo
Barroso e Roberta Barni



COMPANHIA DAS LETRAS

AS CONCHAS E O TEMPO

A documentação da vida sobre a Terra, muito escassa para o período pré-cambriano, torna-se repentinamente muito intensa a partir de cerca de 520 bilhões de anos atrás. No Cambriano e no Ordoviciano, com efeito, os organismos vivos começam a segregar conchas calcárias que se conservarão como fósseis nas camadas geológicas.

A dimensão em que todos vocês estão mergulhados, a ponto de acreditarem que nasceram nela e para ela, quem vocês pensam que os fez entrar aí, quem pensam que abriu a brecha para vocês? Fui eu, *ouviu-se a voz de Qfwfq exclamar, ao sair de baixo de uma concha*, eu mísero molusco condenado a meu viver instante por instante, eu prisioneiro perpétuo de um presente interminável. Não adianta fingir que entendem, não podem adivinhar do que estou falando. Falo do tempo. Não fosse por mim, o tempo não existiria.

Porque, compreendam bem, eu não tinha idéia de como era o tempo nem tinha idéia de que algum dia pudesse haver alguma coisa como o tempo. Os dias e as noites batiam sobre mim como as ondas, intercambiáveis, iguais ou então marcados por diferenças casuais, um vaivém em que era impossível estabelecer um sentido e uma norma. Porém, ao construir a concha para mim, minha inten-

ção de algum modo já estava ligada ao tempo, uma intenção de separar o meu presente da solução corrosiva de todos os presentes, mantê-lo fora, pô-lo de lado. O presente chegava sobre mim com muitos aspectos diferentes entre os quais não conseguia estabelecer nenhuma sucessão: ondas noites tardes refluxos invernos quartos de lua marés canículas; meu medo era me perder ali, me despedaçar em tantos eu mesmo quantos eram os pedacinhos de presente jogados sobre mim sobrepondo-se um ao outro e que, pelo que eu sabia, podiam ser todos contemporâneos uns aos outros, cada qual habitado por um pedacinho de mim mesmo contemporâneo aos outros.

Era preciso que eu começasse estabelecendo alguns sinais na continuidade incomensurável: estabelecer uma série de intervalos, isto é, de números. A matéria calcária que eu segregava fazendo-a girar em espiral sobre si mesma era, justamente, alguma coisa que seguia ininterrupta, mas enquanto isso a cada volta da espiral ela separava a borda de uma volta da borda de outra volta, de modo que, querendo contar alguma coisa, podia começar contando essas voltas. O que eu queria fabricar para mim, enfim, era um tempo somente meu, regulado exclusivamente por mim, fechado: um relógio que não precisasse prestar contas a ninguém sobre o que marcava. Teria gostado de fabricar um tempo-concha longuíssimo, ininterrupto, continuar minha espiral sem nunca parar.

Empenhava-me naquela lida com todas as minhas forças, e decerto não era o único: muitos outros, ao mesmo tempo, estavam tentando construir sua concha sem fim. Que eu conseguisse, ou outro, não importava; bastava que qualquer um de nós conseguisse fazer uma espiral interminável e o tempo existiria, aquele seria o tempo. Mas pronto, tenho que dizer a coisa mais difícil a ser dita (mais difícil também de ser coerente com o fato de que eu estou aqui falando para vocês): o tempo que não consegue se sustentar, que se desmancha, que desmorona como um barranco de areia, o tempo facetado como uma cristalização salina, ramificado como um banco de coral, esburacado como uma esponja (e não vou lhes dizer por que buraco, por que brecha passei para chegar aqui). A espiral

sem fim, essa não se conseguia construir: a concha crescia, crescia, e a certa altura parava, ponto final, estava terminada. Começava outra, em outro lugar, milhares de conchas começavam a todo momento, milhares e milhares continuavam crescendo a cada fase do envolvimento da espiral, e todas mais cedo ou mais tarde paravam de uma hora para outra, as ondas arrastavam para longe um invólucro vazio.

Nosso esforço era um desperdício: o tempo se recusava a durar, era uma substância friável, destinada a se despedaçar, tínhamos apenas ilusões de tempo que duravam tanto quanto o comprimento de uma exígua espiral de concha, lascas de tempo desconectadas e diferentes umas das outras, uma aqui e outra acolá, que não podiam ser interligadas nem comparadas entre si.

E a areia pousava nos restos da nossa obstinada lida, areia que com rajadas de vento irregulares o tempo-areia levantava e deixava cair, sepultando as conchas vazias sob camadas sucessivas no ventre de planaltos emersos e alternativamente submersos quando os mares voltavam a invadir os continentes e a recobri-los de novas chuvas de conchas vazias. Assim nossa derrota se amalgamava com a essência do mundo.

Como poderíamos supor que aquele cemitério de todas as conchas fosse a concha verdadeira, a que com todas as nossas forças havíamos tentado construir, e acreditávamos não ter conseguido? Agora está claro que o fabrico do tempo consistia precisamente na derrota de nossos esforços para fabricá-lo; só que não tínhamos trabalhado para nós, e sim para vocês. Nós, moluscos, que primeiramente tivemos a intenção de durar, demos de presente nosso reino, o tempo, à raça mais volúvel de habitantes do provisório: a humanidade, que, não fosse por nós, nunca teria pensado nisso. O corte da crosta terrestre teve que fazer reaflorescer nossas cascas abandonadas cem trezentos quinhentos milhões de anos antes, para que a dimensão vertical do tempo se abrisse para vocês e os libertasse do giro sempre repetido da roda dos astros em que vocês continuavam a encaixar o curso de sua existência fragmentária.

Longe de mim, uma parte do mérito é de vocês também, o que

estava escrito nas linhas do caderno de terra, vocês é que souberam ler (eis que utilizo a costumeira metáfora de vocês, as coisas escritas, não há escapatória, é a prova de que estamos no território de vocês, e não mais no meu), conseguiram soletrar os caracteres retorcidos do nosso balbuciante alfabeto espalhado por entre milenares intervalos de silêncio, e tiraram dele um discurso inteiro, seqüencial, um discurso *sobre vocês*. Mas digam, como teriam lido ali, se, mesmo sem saber o quê, não tivéssemos escrito, ou seja, se nós, conscientes disso, não tivéssemos desejado escrever (continuo com as metáforas de vocês, já que comecei), marcar, ser signo, conexão, relatório de nós para outros, coisa que, sendo como é em si e por si, aceita ser outra coisa para outros...

Alguém precisava começar: nem tanto a fazer quanto a fazer-se, a fazer-se coisa, a fazer-se naquilo que fazia, a fazer com que todas as coisas deixadas, as coisas sepultadas, fossem sinais de outra coisa, a marca das espinhas de peixe na argila, as florestas carbonizadas e petrolíferas, o rastro do dinossauro do Texas na lama do Cretáceo, os seixos lascados do paleolítico, a carcaça do mamute encontrada na tundra da Bereskova com restos dos ranúnculos entre os dentes, ranúnculos roídos doze mil anos atrás, a Vênus de Willendorf, as ruínas de Ur, os rolos dos essênios, a ponta de lança longobarda que despontou em Torcello, o templo dos templários, o tesouro dos incas, o Palácio de Inverno e o Instituto Smolni, o cemitério de automóveis...

A partir das nossas espirais ininterruptas, vocês reuniram uma espiral contínua que chamam história. Não sei se há muitos motivos para alegria, não sei julgar essa coisa que não é minha, para mim isso é apenas o tempo-rastro, o rastro da nossa empreitada que malogrou, o avesso do tempo, uma estratificação de restos e cascas e necrópoles e cadastros, daquilo que ao se perder se salvou, daquilo que tendo parado os alcançou. A história de vocês é o contrário da nossa, o contrário da história daquilo que se mexendo não chegou, daquilo que para durar se perdeu: a mão que moldou o vaso, as prateleiras que queimaram em Alexandria, o sotaque do escriba, a polpa do molusco que segregava a concha...